

## **EXPRESSO:**

### **Barreiro abre a porta às indústrias criativas**

No bairro operário da antiga Companhia União Fabril (CUF) ainda vivem 15 famílias ou o que resta delas. Trabalharam para Alfredo da Silva, fundador da CUF, no Barreiro, que empregava mais de 11 mil pessoas (em meados do século XX), e ficaram com o direito vitalício à habitação, agora com uma renda simbólica de um euro por mês.

Quase todas as casas da rua que desagua no cineteatro estão impecavelmente pintadas de branco, com os rodapés em tons de azul, assim como o rebordo das portas e das janelas. Na rua ao lado mantém-se o branco, mas com os pormenores num amarelo ocre ou num roxo bem vivo.

Mas o que faz realmente a diferença é o facto de, paredes meias com as famílias dos antigos operários, trabalharem agora largas dezenas de pessoas em pequenas empresas e médias firmas tecnológicas e de serviços que ali se têm vindo a instalar.

O bairro operário da CUF, que estava quase morto, ganhou uma nova vida desde que a empresa Baía Sul do Tejo assumiu a gestão não apenas daquele bairro mas dos cerca de 290 hectares que compõem a zona industrial do Barreiro.

Segundo a administração da Baía Sul do Tejo, estão a instalar-se novas empresas todos os anos, ocupando espaços que estavam vazios. E, surpreendentemente, entre as cerca de 220 firmas industriais e de serviços emergem negócios ligados às chamadas indústrias criativas. São já sete os projetos ali instalados, com mais três em vias de concretização.

### **BREVE VIAGEM AOS 1792 METROS QUADRADOS DE VHILS**

De cinco em cinco minutos passa um camião cheio de sucata acabada de descarregar do navio imobilizado no terminal. Um após outro, seguem, ruidosos, em direção à Siderurgia Nacional, no Seixal, a duas dúzias de quilómetros de distância. A pouco mais de 100 metros dali, porém, acontece o improvável: várias obras de arte nascem em simultâneo do papel, dos pedaços de madeira, das chapas de ferro enferrujadas e semiabandonadas ou da fusão do laser com todas estas matérias-primas. Eis o ADN do ateliê de um dos artistas portugueses mais internacionais de sempre, Alexandre Farto. Ou Vhils, para os mais aficionados.

Os 1792 metros quadrados do velho armazém industrial transpiram criatividade, e é impossível não reparar na energia e no entusiasmo que habitam em cada recanto. Há obras de arte espalhadas pelo chão, penduradas nas paredes, encostadas em armários e em pilhas de materiais ou encaixotadas, em grandes volumes, com o carimbo 'Fragile', prontas para seguir para um qualquer continente.

O que faz com que um artista de renome internacional como Vhils se instale numa zona considerada suburbana de Lisboa, a mais de 50 quilómetros do centro da capital, embora apenas a pouco mais de 15 minutos de barco?

A resposta poderia estar recheada de filosofia sobre ocupação do território, mas na verdade resume-se a dois fatores muito simples: no Barreiro há mais espaço e é mais barato do que em qualquer sítio de Lisboa ou outra zona industrial da margem norte do Tejo. No perímetro da capital, aliás, é praticamente impossível arranjar espaços com aquelas características.

Enquanto nos velhos armazéns da CUF, no Barreiro, se consegue um sítio amplo e luminoso por uma renda da ordem dos €2,50 por metro quadrado ao mês, em locais como Alverca ou Carnaxide pode pagar-se o dobro ou até mais em alguns casos.

Diana Cerezino deixou Inglaterra e instalou-se há pouco mais de um ano com o seu companheiro, Tim Ralston, no Barreiro, onde concretizou uma das suas ambições profissionais: criar uma residência de artistas. No início de cada mês chegam ali seis novos artistas, vindos dos mais variados cantos do planeta.

Os que não trazem consigo materiais acabam por os obter localmente, e muitas vezes no chão da própria zona industrial. Para os que fazem da fotografia a sua arte, têm naquele mesmo chão um maná de opções, entre o que resta de algumas ruínas de fábricas e o colorido de uma terra que albergou durante décadas cinzas industriais, entretanto removidas.

Cada um dos ocupantes temporários, que na prática vive e trabalha durante 30 dias dentro de um ateliê e de uma galeria de arte, paga €950 por mês à Pada Studios, uma organização sem fins lucrativos gerida por Diana Cerezino e Tim Ralston.

Além da Pada Studios e de Vhils, o parque industrial do Barreiro acolhe também a Ephemera — Biblioteca e Arquivo de José Pacheco Pereira, assim como projetos de outras entidades ligadas à cultura e à fotografia, começando já a dar corpo a um pequeno cluster na área das indústrias criativas.

Jacinto Pereira, presidente do Conselho Executivo da Baía Sul do Tejo, que gere os 290 hectares da zona industrial do Barreiro, destaca que esta é a demonstração do esforço de diversificação que foi feito pela empresa no que respeita à ocupação daqueles espaços da antiga CUF.

A Baía Sul do Tejo — que também usa a designação Lisbon South Bay para efeitos de internacionalização — assumiu este nome em 2012, depois de ter sido confrontada com uma decisão governamental que, segundo o gestor, “parou quase tudo”: o cancelamento do projeto da terceira travessia do Tejo, entre Chelas e Barreiro.

Do ponto de vista de ocupação do espaço, a terceira ponte previa a construção de perto de um milhão de metros quadrados de área habitacional no Barreiro, numa zona confinante precisamente com as instalações da antiga CUF.

“Não havendo ponte, tivemos de repensar toda a estratégia, e o que temos hoje é o resultado disso mesmo: um saldo positivo anual de instalação de novas empresas e, por outro lado, diversificação de áreas de atividade”, sublinha Jacinto Pereira.

A Baía Sul do Tejo fez também todo o trabalho de remoção dos passivos ambientais que repousavam no subsolo da antiga CUF, mas mais uma vez foi confrontada com outro problema: vai ou não vai haver terminal de contentores no Barreiro (em vez de Lisboa)? O gestor diz que “é preciso saber o que vai acontecer, para podermos saber com que linhas nos cozemos, pois, como é óbvio, essa infraestrutura pode fazer toda a diferença”.